

<https://doi.org.10.23925/2675-8253.53054>

FREUD E O FUTURO DA CIVILIZAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO E A CIÊNCIA

Frederico Lopes Marcelino Baptista¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise e problematização das principais teses de Freud sobre a cultura, seus posicionamentos e suas apostas para o futuro da mesma. Para isso usamos de norte o ensaio de 1927, *O futuro de uma ilusão*, em diálogo constante com outros textos, em especial *O mal-estar na civilização*. Temos por conclusão que, para Freud, a chave decisiva de manutenção da cultura ocidental passa pela implementação de um espírito científico em substituição aos sistemas religiosos.

Palavras-chave: Freud; Cultura; Civilização; Religião; Ciência;

FREUD AND THE FUTURE OF CIVILIZATION BETWEEN RELIGION AND SCIENCE

Abstract: The present work aims to analyze and problematize Freud's main theses about culture and his ideas and bets for it's future. For this purpose, we used the 1927 essay, *The Future of an Illusion*, in constant dialogue with other texts, especially *Civilization and its discontents*. We conclude that for Freud the decisive key to maintaining the Western culture is the implementation of a scientific spirit in place of religious systems.

Key words: Freud; Culture; Civilization; Religion; Science;



¹ Graduando em Filosofia (bacharelado), bolsista Iniciação Científica PIBIC/UNIRIO

INTRODUÇÃO

Em meu escrito intitulado *O futuro de uma ilusão*, tratou-se muito menos das fontes mais profundas do sentimento religioso e muito mais daquilo que o homem comum entende por sua religião, do sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe esclarece os enigmas deste mundo com invejável completude e, por outro, lhe assegura que uma Providência cuidadosa zelará por sua vida e, numa existência no além, compensará eventuais frustrações. (FREUD, 2017(1930), p. 59)

Desse modo Freud nos apresenta os objetivos de seu ensaio de 1927, *O futuro de uma ilusão*. Tal descrição é feita em seu ensaio posterior chamado *O mal-estar na civilização* (1930), cujas teses são desenvolvidas a partir das conclusões e elaborações contidas no texto de 1927. Podemos dizer que o ponto central dessas duas obras é o estudo da cultura humana, principalmente, da cultura ocidental burguesa da época de Freud. Porém, é possível objetar que, em *O futuro de uma ilusão*, o ponto central não é realmente a análise das religiões. De fato, Freud tem a religião em mente, é ela o fio condutor do ensaio. Contudo, devemos lembrar que Freud não está preocupado com o sentimento religioso em si, mas sim, com os sistemas religiosos, em como eles se apresentam dentro da civilização que fazem parte e qual seu papel dentro da sociedade na formação das subjetividades, na formação moral das pessoas, na organização da sociabilidade dos indivíduos e etc.

Essa preocupação fica evidente quando Freud diz que pretende analisar a forma que os sujeitos comuns percebem a religião e seus sistemas de crenças - que lhes oferecem um esclarecimento das grandes questões da



humanidade. Outro momento que essa preocupação fica explícita é na seguinte passagem do *Mal-estar...* onde Freud também faz referência ao *Futuro de uma ilusão*:

através de nenhum outro traço julgamos caracterizar melhor a cultura do que através da estima e do cultivo das atividades psíquicas superiores, das realizações intelectuais, científicas e artísticas, do papel dirigente concedido às ideias na vida das pessoas. À frente dessas ideias se encontram os sistemas religiosos, sobre cuja intrincada estrutura procurei lançar luz em outra obra. (Id., *Ibid.*, p. 96)

Ou seja, para Freud, a religião é um dos traços mais elevados da cultura de um povo, o que, por consequência, faz com que nos seja impossível analisar a religião sem fazer diretamente uma análise da cultura como um todo e de como os sistemas religiosos se relacionam com esse todo maior. Como se percebe, o ensaio lançado três anos após *O futuro de uma ilusão* pode ser lido e entendido como uma continuidade das reflexões feitas anteriormente. Algo como quem inicia uma reflexão sobre a cultura, delimita um certo método para se fazer isso, circunscreve um pedaço do problema maior e depois volta para análise da cultura de forma ampla novamente. Se é verdade que o ensaio de 1930 pode ser lido como uma continuidade do de 27, ler *O futuro de uma ilusão* em um diálogo com o *Mal-estar*, percebendo suas igualdades, suas diferenças e acima de tudo percebendo como Freud articula essa ida do “geral” ao “particular” e do “particular” ao “geral”, também é possível e recomendado. Diante do exposto, faremos, sempre que julgarmos proveitoso, a relação entre os textos para melhor compreensão da profundidade dos problemas abordados por Freud. Porém, cabe, ao reconstruirmos os argumentos de Freud, vemos como, ao tentar abordar de maneira geral a sociabilidade humana e o papel dos sistemas religiosos dentro da construção das civilizações, o que Freud faz, na realidade, acaba



sendo um tratamento da civilização burguesa e, conseqüentemente, da religião praticada por tal civilização.

A CONSTRUÇÃO DA CULTURA

Passemos, portanto, ao que Freud compreende por cultura:

Como se sabe, a cultura humana - me refiro a tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de suas condições animais e se distingue da vida dos bichos; e me recuso a separar cultura e civilização - mostra dois lados ao observador. Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para a satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si e, em especial, a divisão dos bens acessíveis. (Id, 2017(1927), p. 36-37)

Aqui duas coisas são importantes de serem salientadas. A primeira é a não distinção entre cultura e civilização, o que faz com que Freud utilize dessas duas terminologias com bastante fluidez, algo que será feito também no decorrer do presente texto. A segunda questão é que, para Freud, esses dois lados que a cultura abrange não são de maneira nenhuma independentes, já que “em primeiro lugar, (...) as relações mútuas entre os homens são profundamente influenciadas pela medida de satisfação dos impulsos possibilitada pelos bens existentes e, em segundo lugar, porque o próprio indivíduo pode se relacionar com outro na condição de bem” (Id, Ibid, p. 37-38).

Freud indica ainda um terceiro motivo desses dois lados não poderem ser analisados de maneira independente: segundo Freud, ao mesmo tempo em que a cultura é um interesse humano geral, todo indivíduo é um inimigo da cultura. Isso tem conseqüências extremamente relevantes. Para compreendermos bem o que Freud quer dizer com isso, comecemos pelo



porquê Freud entende a cultura ser um interesse humano geral. Nesse sentido, a ida ao *Mal-estar* nos ajuda bastante. Nele Freud diz o seguinte:

A convivência dos seres humanos foi assim duplamente motivada: através da coação ao trabalho, resultado da necessidade exterior, e através do poder do amor, que, da parte do homem, não queria prescindir da mulher como objeto sexual, e, da parte desta, não queria prescindir da criança, um fragmento que se desprendeu dela. Eros e ananke [necessidade] também se tornaram os pais da cultura humana. O primeiro êxito cultural foi o fato de que mesmo um grande número de seres humanos pôde permanecer em comunidade (Id, 2017(1930), p. 107).

Significa dizer inicialmente que a cultura existe não por uma escolha, mas por uma necessidade de agrupamento através da necessidade do trabalho e pelo próprio instinto erótico dos seres humanos. Além disso, é necessário frisar que Eros não diz respeito somente ao amor romântico, mas diz respeito a todo impulso que aproxima os sujeitos, seja por um impulso sexual, aproximação por amizade, amor de mãe para filho, etc. Freud argumenta que o amor sexual (genital) é o que proporciona as vivências de satisfação com maior intensidade, dando ao sujeito o modelo de felicidade, colocando o amor genital no centro da vida. Acontece que esse tipo de modelo expõe o sujeito à dependência extrema do mundo exterior, que, no caso, seria depender de uma reciprocidade do “objeto sexual escolhido” e não ser largado pelo mesmo, seja pela infidelidade ou pela morte. Devido a isso, os sujeitos transformam esse impulso em uma “moção de meta inibida”, que descentraliza o valor principal de ser amado para o de amar. “Protegem-se contra sua perda ao dirigirem seu amor não a objetos isolados, mas a todos os seres humanos na mesma medida, e evitam as oscilações e os desenganos do amor genital afastando-se de sua meta sexual” (Id, Ibid, p. 109). Será propriamente essa moção que irá gerar a amizade para Freud. Eros, em ambas as suas formas (sexual ou moção de meta inibida) tem em sua função



“ligar um número maior de seres humanos entre si, e de uma maneira mais forte do que o interesse da comunidade de trabalho é capaz de fazê-lo” (Id, Ibid, p. 110).

Isso nos faz entender o motivo da cultura ser um interesse geral, já que todos nós temos, portanto, necessidade de estarmos juntos pelo trabalho, mas, principalmente, por nossos instintos. E é justamente dessa tese que Freud opera, na realidade, uma virada no método para análise da cultura humana. Isso se deve pelo fato de que nesse momento, “o centro de gravidade parece ter se deslocado do material para o psíquico” (Id, 2017(1927), p. 41). Esse deslocamento parece ser, inclusive, o que autoriza Freud a fazer da psicanálise não uma mera ferramenta para análise de indivíduos particulares (o que já seria bastante coisa), mas ser capaz, igualmente, de fazer uma análise sociológica dentro de seus próprios preceitos e teses. Vale explicitar que esse deslocamento acontece também por uma desconfiança por parte de Freud. A desconfiança é que por mais que os sujeitos necessitem do trabalho para a produção de bens de subsistência e controle da natureza, somente tal necessidade não seria capaz de manter a sociedade. Além do mais, para Freud, nem tampouco poderíamos admitir que os indivíduos jamais se negariam ao trabalho, o que é visto em frases como “não parece nem mesmo assegurado que a maioria dos indivíduos esteja preparada para assumir o trabalho necessário à obtenção de bens vitais caso cesse a coerção” (Id, Ibid, p. 40).

Neste artigo não teremos condição de explorar as mais diversas questões e consequências dessa virada no método de análise social operada por Freud. Cabe a nós aqui percebermos como isso vai nortear as reflexões e conclusões de Freud. Por exemplo, ao falar das ideias religiosas e sua validade, Freud irá se perguntar prioritariamente a validade psicológica dessas ideias, irá explicar a adesão da cultura a elas por meios psicológicos, etc.. Ao falar sobre o motivo dos sujeitos se colocarem como inimigos da



cultura, Freud dará uma explicação instintual, e não uma explicação econômica ou de qualquer outro tipo. O próprio desenvolvimento da moralidade se dá em termos de uma transformação no psiquismo dos sujeitos a partir da figura do Super-eu, de acordo com Freud.

Voltemos, portanto, ao problema, a saber, que para Freud todo indivíduo é um inimigo da cultura. Vamos por partes. Quando Freud diz que todo indivíduo é um inimigo da cultura, isso se dá pela seguinte ideia: “acho que é preciso contar com o fato de que em todos os homens há tendências destrutivas, ou seja, antissociais e anticulturais, e que num grande número de pessoas elas são fortes o bastante para determinar seu comportamento na sociedade humana” (Id, *Ibid*, p. 40). Essa noção de uma tendência destrutiva será amplamente trabalhada por Freud no *Mal-estar...* a partir da noção de instinto de morte. Mas, antes disso, cabe perceber que a consequência necessária é que a cultura, portanto, necessita se defender desses indivíduos e dessas tendências. Ou seja, a cultura teria por necessidade um traço de violência e coerção para se manter contra os sujeitos que participam dela, o que para Freud estaria representado por suas instituições e, sobretudo, pela forma como ela constrói a formação moral dos sujeitos.

Sendo o psíquico o centro de gravidade do problema da análise sociológica e, sabendo que toda cultura precisa ser mantida através da coerção, segundo Freud, o problema que se impõe a toda e qualquer cultura é o seguinte: “Torna-se decisivo se e em que medida se é bem-sucedido em reduzir a carga de sacrifício dos impulsos imposta aos homens, em reconciliá-los com a necessária carga restante e compensá-los por isso” (Id, *Ibid*, 41). Ao analisar como as culturas lidam com o problema da coerção aos indivíduos e com a tentativa de reconciliação deles com a cultura, Freud passará para a discussão do “patrimônio psíquico da cultura”. Para isso, ele define alguns conceitos. São eles: frustração - “o fato de um impulso não poder ser



satisfeito” -, proibição - “a instituição que a estipula” - e privação - “o estado produzido pela proibição” (Id, Ibid, 47).

Antes de mais nada, nos é chamada a atenção para a necessidade de diferenciar dois tipos de privações. O primeiro são as privações que atingem a todos os sujeitos de uma sociedade, já o segundo, privações que atingem uma classe, grupo ou um indivíduo em particular. Começemos pelo primeiro tipo de privações, colocado por Freud como contendo as privações mais antigas, sendo elas que deram o primeiro passo para um efetivo afastamento cultural ao estado primitivo animalesco do ser humano. Tais impulsos primordialmente proibidos são o incesto, o canibalismo e o prazer de matar. Porém, de acordo com Freud, apenas o impulso do canibalismo foi efetivamente superado e mal visto por todos os componentes da cultura. O sinal disso seria a necessidade ainda da proibição do incesto e o assassinato continuar sendo amplamente praticado e muitas das vezes ordenado através da própria cultura.

Dentro de tal raciocínio entra um elemento de extrema importância. De que forma as proibições podem ser superadas ou não ao longo da história de determinada cultura? Ou melhor, o que faz com que ao longo do tempo algo como o canibalismo passe a ser tão negado pelos sujeitos a ponto de não precisar mais de vigilância e coerção proibitiva por parte da cultura? Para responder a essa questão Freud lança mão do conceito de Super-eu, trabalhado em diversas obras e um conceito fundamental para sua análise sociológica no *Mal-estar...* Sendo assim, vamos à definição do que é o Super-eu.

A primeira vez em que Freud usou tal termo foi em 1923 no texto *O Eu e o Id*, porém, antes disso “a clínica e a teoria psicanalíticas tinham reconhecido o lugar assumido no conflito psíquico pela função que visa impedir a realização e a tomada de consciência dos desejos; (...) Mais ainda, Freud (...) reconhecia que esta censura podia operar de forma inconsciente”



(LAPLANCHE, PONTALIS, 2001, p. 498). De acordo com Freud, a formação do Super-eu se dá através do declínio do complexo de Édipo, quando “a criança, renunciando à satisfação dos seus desejos edípicos marcados de interdição, transforma o seu investimento nos pais em identificação com os pais, interioriza a interdição” (Id, Ibid, p. 498). Ou seja, “a instauração do Super-eu pode ser vista como um caso bem-sucedido de identificação com a instância parental” (FREUD, 2010(1933), p. 201). Aqui é importante salientar que o Super-eu da criança não é constituído de acordo com o modelo dos pais, mas sim, seguindo o modelo do Super-eu dos pais, se tornando, assim, preenchido pelo mesmo conteúdo, preenchido pelos valores e moralidade do mesmo. E, conforme o Super-eu vai se desenvolvendo, não se acolhe única e exclusivamente o Super-eu dos pais, mas “acolhe também as influências das pessoas que tomaram o lugar dos pais, ou seja, de educadores, mestres, modelos ideais” (Id, Ibid, p. 202).

Percebe-se, desse modo, que o Super-eu é uma instância do aparelho psíquico que se descola do próprio Eu e que tem por função dominá-lo, que “para o sujeito assume o valor de modelo e função de juiz” (LAPLANCHE, PONTALIS, 2010, p. 498). É a instância psíquica responsável pela formação de ideais e da consciência moral dos sujeitos. Com esse conceito estabelecido podemos voltar ao problema do conflito existente entre a cultura e os indivíduos e explorar a importância do Super-eu para o ensaio de 1930, onde se define o Super-eu como o meio pelo qual

A agressão é introjetada, interiorizada, na verdade mandada de volta à sua origem, ou seja, dirigida contra o próprio eu. Ali ela é assumida por uma parcela do eu que se opõe ao restante na condição de supereu, e que então, como ‘consciência moral’, exerce sobre o eu a mesma agressão severa que este teria gostado de satisfazer à custa de outros indivíduos. Chamamos de consciência de culpa a tensão entre o supereu severo e o eu submetido a ele; ela se exprime como necessidade de punição. Assim, a cultura domina a perigosa agressividade do indivíduo ao enfraquecê-lo,



desarmá-lo e vigiá-lo através de uma instância em seu interior, do mesmo modo que uma tropa de ocupação na cidade conquistada (FREUD, 2017(1930), p. 145).

A agressão é justamente o impulso contrário à manutenção da cultura, tais como os citados anteriormente. Entendido que o Super-eu é essa interiorização da agressão em si mesmo, produzindo assim a culpa, causada pela tensão entre o impulso agressivo e o Super-eu, Freud nos diz que a resposta para que tal fenômeno ocorra (a cultura não mais precisar da vigilância e coerção proibitiva para lidar com certos tipos de impulsos) é que ao longo do desenvolvimento cultural a coerção externa vai gradativamente sendo interiorizada pelo Super-eu e, com o tempo, vai incluindo novos mandamentos. Aí temos mais um problema grande, contido igualmente no *Mal-estar...*, que é a conservação mnêmica, ou seja, a tese de que ao longo do desenvolvimento do sujeito nenhuma memória se perde e todas elas continuam, portanto, afetando o sujeito e, para além dessa conservação individual, a noção de que a constituição psíquica do indivíduo acompanha o desenvolvimento cultural e, por consequência, que o desenvolvimento cultural conserva em si mesmo o desenvolvimento psíquico dos seus sujeitos.

A argumentação de Freud na defesa da tese da conservação mnêmica é bem questionável tanto no *Futuro de uma ilusão*, quanto no *Mal-estar*. No *futuro de uma ilusão*, Freud apenas diz que “não é correto afirmar que a psique humana não tenha passado por nenhuma evolução desde os tempos mais remotos e, (...) ainda hoje seja a mesma do princípio da história” (Id, 2017(1927), p. 48). Já no *Mal-estar...* Freud nos diz algo bem menos assertivo ao tentar justificar a tese da conservação mnêmica: “semelhante conservação de todos os estados anteriores ao lado da forma final apenas é possível no âmbito psíquico e não estamos em condições de dar uma ideia clara desse fato” (Id, 2017(1930), p. 56). Para o bem do desenvolvimento das teses elaboradas por Freud, fiquemos com a ideia de que “somente podemos



nos ater ao fato de que a conservação do passado na vida psíquica é antes a regra do que a exceção extraordinária” (Id, Ibid, p. 56).

Sendo assim, podemos entender que o fortalecimento do Super-eu é um desses patrimônios psicológicos da cultura com um altíssimo grau de importância e quanto mais difundido e fortalecido ele for entre os membros da cultura, mais ela estará segura e prescindirá de meios externos de coerção. Acontece que o nível de interiorização de cada proibição varia para cada impulso. No exemplo do canibalismo vimos como a interiorização da proibição de tal impulso foi efetivada. Porém, pode-se perceber que tal interiorização não está de modo algum alcançada para outros impulsos, fazendo com que as pessoas apenas obedçam às proibições culturais devido à coerção externa. Um exemplo é alguém que fica espantado ao presenciar um ato canibal, mas não temeria em prejudicar outro alguém mentindo a fim de se beneficiar caso não tivesse algum tipo de represália.

Podemos agora passar para o segundo tipo de privações, aquelas destinadas à uma classe, grupo ou indivíduo especificamente. Vamos partir de um exemplo dado por Freud. A classe de trabalhadores que produz todos os bens de consumo de uma sociedade, mas pouco pode acessá-los. A depender do nível da falta de acesso a tais bens, seria bem plausível que essa classe se rebelasse contra a classe que pode usufruir da sua produção, o que seria uma destruição dessa determinada cultura. Nesses casos é bem difícil que aconteça a interiorização de tais proibições culturais por parte dos oprimidos. Ao falar sobre isso, Freud nos oferece o seguinte comentário: “Não é preciso dizer que uma cultura que deixa insatisfeito um número tão grande de membros e os incita à rebelião não tem perspectivas de se conservar perpetuamente, nem o merece” (Id, 2017(1927), p. 51). Aqui podemos fazer um pequeno parêntese e refletirmos sobre dois pontos: 1) mesmo em casos de extrema desigualdade ao longo da história, se preservou um discurso e uma prática social que visam justificar a obediência aos



preceitos culturais estabelecidos. Ou seja, da mesma forma que pode ser plausível uma rebelião, pode ser igualmente plausível a obediência a depender de diversos fatores; 2) caso ocorra um processo revolucionário estaria dissolvida a cultura? Isso seria semelhante a dizer que quem define o que é ou não uma cultura é a classe dominante da mesma, algo bem problemático. Mas voltemos à argumentação de Freud. Dentro desse contexto, entram outro tipo de patrimônios psicológicos da cultura. A produção de ideias e as criações artísticas, mais em particular, segundo Freud, a satisfação obtida por meio delas.

Pensemos em uma civilização que está se erguendo e consegue vencer suas primeiras dificuldades para se manter e se ampliar. Tais feitos são registrados na história dessa civilização. Porém, para além de um efeito de registro, o que se faz é uma valorização desses feitos, extraindo-se daí diversos ideais a serem alcançados ou simplesmente mantidos por essa cultura. A satisfação que se tira desses feitos culturais é, portanto, de natureza narcísica. Outro fator importante que demonstra tal natureza é que a forma como essa satisfação se consolida, na maior parte das vezes, é em contraste com outras culturas e outros ideais. Um exemplo dado por Freud é o de um plebeu miserável, abarrotado com dívidas, mas que era um romano e se via como alguém que tem uma participação no domínio de Roma sobre outras nações e na transcrição de suas leis. Como se percebe, esse exemplo também busca demonstrar como o patrimônio das ideias também serve à cultura como meio de manutenção da mesma, nesse caso destruindo possíveis hostilidades de um grupo ou classe contra ela mesma devido à suas privações (apesar de que isso é possivelmente uma concepção moderna de nacionalismo, visto que não conseguimos ter acesso à forma de pensamento das pessoas comuns na Roma Antiga). E é justamente nesse recorte que entram as ideias religiosas para Freud, sendo, como já foi dito, talvez a parcela mais significativa de todo o patrimônio psíquico de uma cultura.



RELIGIÃO: SUA IMPORTÂNCIA E SUAS QUESTÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA

Ao abordarmos o problema da religião, cabe em um primeiro momento perguntar-nos como surgiram as ideias religiosas dentro da cultura. Para responder a isso, Freud irá nos remeter a um pensamento muito semelhante ao contratualismo de Hobbes (HOBBS, 1997). Pensemos uma abolição da cultura, onde não se tenha mais proibição alguma. O que sobra seria o “estado de natureza”, onde seríamos livres para satisfazer nossos desejos, como ter relação sexual com qualquer pessoa, se apossar dos bens de outro alguém, ou até mesmo matar outra pessoa por um desejo proveniente da raiva. De início poderia se pensar que seria o melhor mundo possível já que todas as satisfações poderiam ser alcançadas. Acontece que isso também é igualmente válido para todos os outros indivíduos que poderiam inclusive te matar se assim desejassem. Outro fator importante é que por mais que a natureza não nos exija nenhum tipo de restrição, ela tem sua própria maneira de fazer com que elas aconteçam. Seja por um desmoronamento, seja por um frio insuportável, por um incêndio, por um terremoto... O que não faltam são maneiras. E é justamente pela necessidade de nos protegermos, sobretudo da natureza, que, segundo Freud, criamos a cultura. Mas de que forma a cultura propicia essa defesa? De acordo com Freud essa defesa passa por três meios: 1) reconstruir a autoconfiança dos sujeitos, gravemente ferida pela natureza; 2) Despojar a vida e o mundo de seus pavores; 3) Sanar a curiosidade humana (imbuída de seus interesses práticos) dos mistérios da natureza e da vida.

O primeiro passo foi a humanização da natureza. Coisas extremamente impessoais como um terremoto se mantêm de todo



inacessíveis e estranhos, mas se a sua volta, ao invés de estar cercado de coisas que não conhece, existe uma “natureza humanizada”, o sujeito consegue pelo menos agir de maneira semelhante com ela tal qual age com outros sujeitos, como quem suplica para que outra pessoa mais forte não lhe roube os bens. “Talvez ele ainda esteja indefeso, mas não está mais desamparadamente paralisado” (Id, Ibid, p. 59). Freud aponta que tal estratégia (o deslocamento da ciência da natureza para a psicologia), para além de proporcionar um alívio momentâneo, oferece um caminho para um domínio maior da situação, já que, segundo ele, essa é uma situação que apenas continua outra anterior, tendo um “modelo infantil”. A situação anterior a que Freud se refere é a que quando criança, apesar das razões para temer seu pai, se apelava para sua autoridade a fim de encontrar proteção contra outros perigos. O maior domínio passa então por emular esse modelo infantil, ou seja, ao invés de transformar as forças da natureza em seu igual, os sujeitos transformam-nas em deuses, dando-lhes um caráter paterno.

Com o passar do tempo, percebe-se que os fenômenos naturais seguem regras próprias segundo suas necessidades internas, “Os deuses, sem dúvida, são os senhores da natureza: dispuseram-na dessa maneira e podem deixá-la entregue a si mesma. Apenas ocasionalmente, com os chamados milagres, interferem em seu curso, como que para assegurar que não renunciaram em nada sua esfera original de poder” (Id, Ibid, p. 61). E, justamente, quanto mais os deuses vão retirando sua influência da natureza, mais a cultura vai deslocando esse patrimônio de ideias para o âmbito moral, transformando assim, tarefa divina compensar as falhas e danos da própria cultura, se atentar aos sofrimentos infligidos aos sujeitos na vida comum com outros sujeitos e vigiar se os sujeitos cumprem ou não os preceitos culturais estabelecidos. Inclusive, aos próprios preceitos culturais serão atribuídas origens divinas, elevando-os acima da própria humanidade e sendo estendidos à natureza e à todos os acontecimentos do mundo.



Cria-se assim um patrimônio de ideias, nascido da necessidade de tornar suportável o desamparo humano e construído com o material de lembranças relativas ao desamparo da própria infância do gênero humano. É claramente reconhecível que esse patrimônio protege os homens em dois sentidos: dos perigos da natureza e do destino, e dos danos causados pela própria sociedade humana. (Id, Ibid, p. 62-63)

De forma bem simples, o que essas ideias nos dizem é que a vida no mundo terreno serve a um propósito muito maior e, que por mais difícil que seja descobrir esse propósito, ele serve para um aperfeiçoamento do ser. Que tudo que ocorre nesta vida é guiado por um ente superior que sempre nos guia para o bem, mesmo que por “linhas tortas”, ou seja, tudo para nossa própria satisfação. Que até a morte está dentro desse plano maior, que ela não é um fim, mas uma passagem para uma outra vida, superior. Que nossas leis morais que norteiam nossa cultura são obras das leis divinas e que cabe apenas a esse ente maior julgar o não cumprimento das mesmas, pois ele é o todo poderoso e todo consequente. Que quem fizer o mal lhe caberá o mal e quem fizer o bem, terá o bem em troca. “Desse modo, todos os pavores, sofrimentos e rigores da vida estão destinados à extinção” (Id, Ibid, p. 64). Aqui é interessante perceber como, mesmo querendo fazer uma análise que cabe a todas as culturas e todas as estruturas religiosas, Freud acaba recaído, de forma evidente, ao sistema judaico-cristão, e consequentemente, falando do desenvolvimento da cultura ocidental, do qual o mesmo fazia parte. Mas, de qualquer modo, sabendo como para Freud se dá a formação dessas ideias, as questões presentes agora são: “o que são essas ideias à luz da psicologia? Donde recebem a sua alta consideração? E, prosseguindo timidamente, qual é o seu valor real?” (Id, Ibid, p. 66)

Começamos respondendo a primeira e a terceira indagações. Segundo Freud, para a psicologia



as ideias religiosas são proposições, são enunciados acerca de fatos e circunstâncias da realidade externa (ou interna) que comunicam algo que o indivíduo não encontrou por conta própria, e que reivindicam que se creia nelas. Visto que informam sobre aquilo que mais nos importa e mais nos interessa na vida, elas gozam de alta consideração. Quem delas nada sabe é deveras ignorante; quem as incorporou aos seus conhecimentos pode se considerar muito enriquecido. (Id, Ibid, p. 75)

Aqui temos dois elementos interessantes e com implicações importantes para a definição do que são as ideias religiosas à luz da psicologia de Freud. O primeiro é a pergunta se somente as ideias religiosas contém essas diversas proposições sobre os mais variados temas e até dos temas mais importantes para a humanidade, ou seja, será que só a religião oferece respostas e teses sobre os mais diversos problemas que encontramos? Já o segundo elemento é a noção de reivindicação de que se creia nessas ideias e seus conteúdos mas, novamente, apenas as ideias religiosas têm tal reivindicação de crença?

Decerto que não são apenas as ideias religiosas que falam sobre os mais variados temas e oferecem respostas acerca da natureza. Por exemplo, as ciências o fazem com uma grande frequência também. Ou seja, não são exatamente as respostas que diferenciam ideias científicas de ideias religiosas. O que nos leva ao segundo ponto. Também é verídico que tanto a ciência quanto a religião reivindicam que se creia em suas ideias e teses, porém, para Freud, a forma e o motivo de tal reivindicação é completamente distinto, e é justamente nesse ponto que ocorre, portanto, uma diferenciação. Vamos por parte. Em relação às ideias científicas, usemos o exemplo dado por Freud:

o conhecimento de que a Terra tem a forma de uma esfera; como provas disso, são aduzidos o experimento de Foucault com o pêndulo, o comportamento do horizonte e a possibilidade de circunavegá-la. Visto que é impraticável, conforme reconhece todos os interessados, enviar todos os



escolares em viagens de circunavegação, a escola se contenta em deixar que seus ensinamentos sejam aceitos de ‘boa-fé’, sabendo, porém, que o caminho para a convicção pessoal permanece aberto. (Id, Ibid, p. 77)

Ou seja, a reivindicação de crença está baseada em um pilar bem específico, a possibilidade de falsear tal conhecimento. Se apresentam as argumentações, os experimentos, e as possibilidades de comprovação. Caso alguém discorde de determinada tese, basta replicar o experimento, ou nesse caso em específico, ir navegar pelo globo para “ver com seus próprios olhos”. Seria a partir desse critério de falseabilidade que Freud nos diz que a ciência reivindica a crença em suas próprias ideias.

Podemos partir agora para as justificativas, apresentadas por Freud, do porquê a religião clama pela crença em suas ideias. Segundo o autor, a justificativa se dá de três maneiras: 1) pelo fato de nossos ancestrais terem acreditado nelas; 2) pelo fato de possuímos provas de que tais ideias nos foram passadas desde épocas antigas; 3) pois é absolutamente proibido questionar suas teses. Freud ataca essas três justificativas, colocando-as como inválidas, como um péssimo critério para reivindicação de crença em si mesma. Em relação à primeira justificativa, Freud argumenta que nossos antepassados seriam mais ignorantes que nós e que acreditavam em coisas completamente descabidas diante do conhecimento que temos hoje e, portanto, as ideias religiosas poderiam estar dentro dessas ideias (aqui pode se perceber também um traço semelhante ao positivismo em termos de desenvolvimento histórico da cultura). Já em relação à segunda justificativa, Freud argumenta que as provas que nos foram deixadas estão registradas em escritos contraditórios, retocados e até falsificados, o que nos traz um sentimento de desconfiança diante desses materiais. E, por fim, em relação à terceira justificativa, para Freud, o caráter de proibição do questionamento já diria por si mesmo que suas ideias são completamente duvidosas e



incertas, pois, caso contrário, se colocaria à disposição todo o material necessário para aquele que ainda questiona a validade de suas ideias.

Para Freud, portanto, as ideias religiosas “possuem a mais fraca comprovação” e “esse estado de coisas é por si só um problema psicológico bastante notável” (Id, Ibid, p. 79). Freud nos oferece ainda duas tentativas diferentes de validação das ideias religiosas, mas que, segundo ele, representam na realidade uma tentativa de fuga do problema, vejamos. A primeira tentativa pode ser resumida na máxima “creio porque é absurdo”, o que seria algo no sentido de que as ideias religiosas escapam do que a razão é capaz de compreender, estão acima da própria razão. Como resposta a tal ideia, Freud questiona se seremos obrigados a aceitar e credibilizar qualquer coisa que nos apareça como absurda e, se não, porque aceitarmos justamente as crenças religiosas? E termina com uma ideia que será de extrema importância para o decorrer de suas análises, dizendo que “não há instância alguma acima da razão” (Id, Ibid, p. 81). A segunda tentativa poderia ser resumida como uma “filosofia do como se”. A ideia central é de que mesmo não conseguindo comprovar seus fundamentos, deveríamos continuar crendo e agindo como se tais ideias fossem verdadeiras pelo simples fato de que são ideias com incomparável importância para a humanidade e para a cultura. Segundo Freud, essa tentativa é muito próxima da primeira, já que pede que se acredite no absurdo em renúncia da razão, porém, agora travestido de um interesse prático.

Como já foi dito, o fato das ideias religiosas terem bases tão fracas de comprovação para Freud indica um problema psicológico importante, o que nos leva à pergunta que ainda falta ser respondida das três colocadas anteriormente, ou seja, de onde recebem tão alta consideração as ideias religiosas? E para responder a essa questão, Freud irá dividi-la em duas: “Deve se perguntar: em que consiste a força interna dessas doutrinas, a que



circunstâncias devem sua eficácia, que é independente de reconhecimento racional?” (Id, Ibid, p. 84)

Acho que preparamos suficientemente a resposta a ambas as perguntas. Ela se apresenta quando atentamos para a gênese psíquica das ideias religiosas. Estas, que se apresentam como proposições, não são produto da experiência ou resultados finais do pensamento; são ilusões, são realizações dos desejos mais antigos, mais fortes e mais prementes da humanidade, e o segredo de sua força está na força desses desejos. (Id, Ibid, p. 85)

De forma resumida e colocando em termos freudianos, a estrutura das ideias religiosas se baseia em resoluções e realizações de desejos (como já vimos ao fazermos a reconstrução dos argumentos de Freud até aqui) e seu sucesso se deve ao fato de ser uma ilusão vindo de desejos extremamente fortes. Certamente aí tem um tom provocativo, mas o termo “ilusão” não é usado somente por isso, existe uma tentativa de precisão na classificação dessas ideias (vale sempre lembrar que tal precisão se dá dentro do arcabouço teórico e argumentativo estabelecido por Freud até aqui). Segundo Freud, “chamamos uma crença de ilusão quando se destaca em sua motivação o cumprimento de desejo, ao mesmo tempo em que não levamos em conta seu vínculo com a realidade, exatamente do mesmo modo que a própria ilusão renuncia a suas comprovações” (Id, Ibid, 88). Isso significa, portanto, duas coisas. Primeiro que Freud não está chamando as ideias religiosas de ideias erradas, ilusões não são erros. É um erro falar que dois mais dois são cinco, não uma ilusão. Freud não as coloca como errôneas pelo mesmo motivo já estabelecido antes: as ideias religiosas proíbem contestação e não nos dão possibilidade de falseamento, por ser algo que se coloca acima da razão. Segundo que Freud analisa tais ideias como uma derivação de um desejo, nesse caso, um desejo humano geral, pois elas tratam de nos dar respostas da maior magnitude e importância, como a origem do mundo, o que é certo fazer, o que acontece após a morte, qual a



relação entre o “físico” e o “espiritual”, etc. Sendo assim, “a ilusão não precisa ser necessariamente falsa, quer dizer, ser irrealizável ou estar em contradição com a realidade. Uma mocinha plebeia, por exemplo, pode ter a ilusão de que um príncipe virá buscá-la. É algo possível; já aconteceu alguns casos desse tipo” (Id, Ibid, p. 87).

Nesse momento do ensaio Freud nos mostra com clareza ao futuro de quê seu título se refere. É sobre o futuro das ideias religiosas. E, por esse motivo, Freud começa a fazer a volta ao problema da cultura de forma ampla, que será abordado com maior profundidade três anos depois. Ou seja, ao falar do futuro das ideias religiosas, Freud na verdade, fala do futuro das ideias religiosas dentro da civilização que participa e de sua necessidade ou não para a manutenção dessa mesma civilização no futuro. Aqui devemos ressaltar a preocupação principal do ensaio, versar sobre a cultura humana em geral, mais especificamente sobre o futuro da mesma. Não por acaso Freud abre o texto dizendo:

Quando alguém viveu um bom tempo em determinada cultura e fez esforços frequentes na investigação de suas origens e do percurso de seu desenvolvimento, chega o dia em que também sente a tentação de voltar o olhar na outra direção e perguntar qual o destino mais remoto que aguarda essa cultura e por quais transformações ela está destinada a passar. (Id, Ibid, p. 35)

A SUBSTITUIÇÃO DA RELIGIÃO PELO PENSAMENTO CIENTÍFICO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Nesse contexto, vale retomarmos o diálogo com *O mal-estar...*, justamente por Freud estar falando sobre as possibilidades futuras da civilização, ou seja, sobre as possibilidades futuras de sociabilidade entre os sujeitos. Significa, portanto, que se faz importante entender não só o que fez



com que a cultura passasse a existir, como já o fizemos (através de Eros e da Necessidade), mas também, qual objetivo os sujeitos têm para suas vidas dentro da cultura. A conclusão a que Freud chega é que “eles aspiram à felicidade, querem se tornar felizes e assim permanecer” (Id, 2017 (1930), p. 63). Em outras palavras, na prática, o que define a finalidade da vida dos sujeitos é o princípio de prazer, que o comanda desde o início de sua vida. Ele faz com que, assim, cada sujeito tenha basicamente duas metas para alcançar a felicidade, a primeira consistindo em afastar de si a dor e o desprazer e, a segunda, ter o máximo possível de sensações de intenso prazer. Contudo, tal programa de se tornar feliz e assim permanecer é completamente irrealizável, seja pela nossa própria constituição ou pelo mundo externo a nós. O máximo que se consegue é uma tépida sensação de bem-estar. Isso instaura uma contradição no próprio sujeito que é: “o programa que o princípio de prazer nos impõe, o de sermos felizes, não é realizável, mas não nos é permitido - ou melhor, não nos é possível - renunciar aos esforços de tentar realizá-lo” (Id, Ibid, p. 77).

Essa é a contradição enfrentada mesmo dentro da cultura que foi criada através da realização de desejos e de necessidades humanas. Já vimos no início do texto essa contradição ao abordarmos como a cultura é um interesse humano geral ao mesmo tempo em que o indivíduo é sempre um inimigo da cultura, fazendo com que a tarefa central para a manutenção da mesma seja “encontrar um equilíbrio conveniente, ou seja, capaz de proporcionar felicidade, entre essas exigências individuais e as reivindicações culturais das massas” (Id, Ibid, p. 100).

Freud no *Mal-estar...* termina o livro deixando completamente em aberto a possibilidade da civilização encontrar meios de se manter e fazer Eros se sobressair aos impulsos agressivos e sociais dos sujeitos. Podemos dizer que o ensaio de 1930 tem por principal objetivo a elucidação desse problema, mostrar suas dificuldades, suas origens, os mecanismos



encontrados até aqui pela civilização e seus resultados. Não se tratava, como podemos ver no trecho a seguir, de apresentar uma possível solução para o problema:

Parece-me que a questão decisiva da espécie humana é a de saber se, e em que medida, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar o obstáculo à convivência representado pelos impulsos humanos de agressão e de autoaniquilação. Quanto a isso, talvez precisamente a época atual mereça um interesse especial. Os seres humanos conseguiram levar tão longe a dominação das forças da natureza que seria fácil, com o auxílio delas, exterminarem-se mutuamente até o último homem. eles sabem disso; daí boa parte de sua inquietação atual, de sua infelicidade, de sua disposição angustiada. E agora cabe esperar que o outro dos dois ‘poderes celestes’, o eterno eros, faça um esforço para se impor na luta contra seu adversário igualmente mortal. Mas quem pode prever o sucesso e o desfecho? (Id, Ibid, p. 186).

Esse é o último parágrafo do texto de 1930. Ele termina em um tom enigmático, cético, de quem apenas torce para que no final Eros se sobressaia em relação ao impulso agressivo. Já no *Futuro de uma ilusão*, o posicionamento de Freud é um tanto diferente. Ele oferece alternativas a serem testadas pela civilização e coloca uma crença em tais alternativas (no caso, como veremos, o fim das ideias religiosas e a substituição delas pelo pensamento científico). Podemos simplesmente argumentar que Freud com o passar dos três anos entre um escrito e outro simplesmente amenizou sua crença na possibilidade do pensamento científico de “dominar o obstáculo à convivência humana” ou, podemos simplesmente dizer que as abordagens foram diferentes segundo o objetivo de cada texto. Bom, o que exatamente se passou pela cabeça de Freud não é objetivo aqui, mas temos condições de saber até onde cada uma dessas perspectivas nos levam.



A primeira via de análise nos levaria simplesmente ao entendimento de que os trechos sobre o “futuro da civilização” que Freud especula no *Futuro de uma ilusão* não têm tanta validade pois suas concepções teriam sofrido mudanças durante esses três anos. Ou seja, parariamos a análise do texto por aqui. Já a segunda via nos leva para um lugar diferente. Podemos entender que tais concepções apresentadas no *Futuro de uma ilusão* são mantidas, e ver até onde elas entram em contradição - caso entrem - ou não com as do ensaio posterior, nos dando a possibilidade de uma maior compreensão acerca do pensamento social de Freud. É a partir dessa segunda possibilidade que seguiremos.

Como já dissemos, Freud irá propor o fim das ideias religiosas e a substituição delas pela racionalidade científica. Para sabermos, contudo, como se dá a argumentação dele para justificar tal ideia temos de ir com calma. Antes de tudo, é evidente que Freud não ignora o papel que as religiões tiveram no desenvolvimento cultural, admitindo que elas contribuíram demasiadamente para a domesticação dos impulsos associas. Porém, “o conhecimento do valor histórico de certas doutrinas religiosas aumenta nosso respeito por elas, mas não invalida nossa proposta de excluí-las da motivação dos preceitos culturais” (Id, 2017 (1927), p. 113). O início do argumento passa por mostrar que ao longo do tempo, a religião foi dominante e, por isso, teve tempo o suficiente para mostrar sua eficácia. Contudo, o que se vê ao longo do tempo e até nos dias atuais não são sujeitos reconciliados com a vida e defensores da cultura, mas sim, um número muito grande de pessoas insatisfeitas com a cultura querendo se livrar dela por completo ou uma transformação radical da mesma. Logo, “se as realizações da religião quanto à felicidade do homem, à sua capacidade para a cultura e à sua limitação moral não são melhores, cabe perguntar se não superestimamos sua necessidade para o homem e se agimos sabiamente ao fundar nela nossas exigências culturais” (Id, Ibid, p. 101).



Diante dessa proposta, se passa com certeza algo da seguinte natureza: mas e se as pessoas parassem, portanto, de acreditar em deus? Isso não seria a permissão geral para a realização de todo impulso agressivo? Ou na formulação tão conhecida de Dostoiévski, "Mas então, que se tornará o homem, sem Deus e sem imortalidade? Tudo é permitido, por conseqüência, tudo é lícito?" (Dostoiévski, 1970, p. 601) Levando em consideração que a preocupação central é a manutenção da cultura e uma necessária conciliação dos sujeitos com ela, esse seria efetivamente um problema. Freud então enxerga duas possibilidades: "ou a mais severa opressão das massas perigosas, o mais cuidadoso bloqueio de todas as oportunidades de despertar intelectual, ou a revisão radical das relações entre cultura e religião" (Freud, 2017 (1927), p. 104). Claramente, a proposta de Freud passa pela segunda alternativa.

Mas por onde exatamente passaria essa revisão radical das relações entre cultura e religião? Ela se passa pela incorporação de um espírito científico, uma nova forma de explicação das proibições culturais. Por exemplo, em relação ao assassinato, a explicação racional por trás de tal proibição mostraria que os sujeitos se unem em sociedade no intuito de se proteger das inseguranças geradas pela vida atomizada, isolada e, por isso, é contraditório que se permita matar outro alguém dessa mesma sociedade, reservando o direito coletivo do assassinato de quem violou tal proibição. Assim se dá a constituição da justiça e do castigo. Acontece, entretanto, que ao invés de fazermos essa explicação racional, simplesmente afirmamos socialmente que a proibição de matar foi decretada por deus, "não matarás". Depositamos a possibilidade de obediência por parte dos sujeitos aos preceitos culturais ao tamanho de sua crença em deus. Para Freud a questão é que

visto que é uma tarefa melindrosa distinguir entre aquilo que o próprio Deus exigiu e aquilo que deriva antes da autoridade de um parlamento



plenipotenciário ou de um alto magistrado, seria uma vantagem indubitável deixar Deus completamente fora do jogo e reconhecer de forma honesta a origem puramente humana de todas as instituições e preceitos culturais. Além da pretendida santidade, também cairiam por terra a rigidez e a imutabilidade desses mandamentos e leis. Os homens poderiam compreender que estes foram criados não tanto para dominá-los, mas antes para servir a seus interesses; conseguiriam ter uma relação mais amistosa com eles e, em vez da sua abolição, almejariam apenas seu melhoramento. Esse seria um avanço importante no caminho que leva à reconciliação com o fardo da cultura. (Id, Ibid, p. 107-8)

Existe ainda uma objeção completamente plausível de ser feita dentro do próprio desenrolar das teses freudianas. A objeção seria: a razão, ou esse espírito científico, não é demasiado fraco em comparação com os instintos e impulsos dentro do psiquismo humano? O que garantiria que os sujeitos se adequariam à razão para a renúncia de seus impulsos? Freud nos diz sem problemas que o intelecto é fraco quando comparado aos instintos, mas sua fraqueza tem algo de especial. Segundo ele, por mais que sua “voz” raramente seja escutada por ser baixa, ela é persistente e não descansa até ser ouvida, e não importa quantas vezes ela seja rejeitada, no fim, a razão consegue seu objetivo. De acordo com Freud, “a longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência” (Id, Ibid, p. 131). Justamente por esse motivo a ciência poderia ser esse pilar fundamental de sedimentação dos preceitos culturais. “O trabalho científico, porém, é para nós o único caminho que pode levar ao conhecimento da realidade fora de nós” (Id, Ibid, p. 89). A ciência, para Freud, é a possibilidade de que a vida se torne suportável e que a cultura não mais necessite oprimir ninguém. A ciência livraria os sujeitos do supraterrâneo, mantendo-os amplamente concentrados na vida terrena, promovendo um comportamento perante a cultura completamente



diferente, deixando os céus, como diz Freud citando Heinrich Heine, aos anjos e aos pardais.

Decerto tal visão pode parecer um tanto poética e bonita, porém, ainda nos resta perceber como Freud identifica o caminho para esse futuro cultural. Se olharmos com atenção a essa argumentação ela com certeza não é das mais bem estruturadas e elaboradas por Freud, mas de certa maneira ela não está em tão desencontro com ideias colocadas no início do ensaio. Ao fim da seção I, o autor nos diz o seguinte:

Pode-se pôr em dúvida se e em que medida um outro ambiente cultural seria capaz de extinguir as duas características das massas que tanto dificultam a condução dos assuntos humanos². A experiência ainda não foi feita... mas caso apenas se consiga reduzir a uma minoria a maioria que hoje é hostil à cultura, já se terá conseguido bastante, talvez tudo o que seja possível conseguir. (Id, Ibid. p. 44)

Sendo assim, podemos voltar com alguma tranquilidade justamente para esse início a fim de tentarmos buscar essa resposta, ou pelo menos algum indício dela.

Poucos parágrafos antes, Freud está justamente se perguntando em que medida é possível ser bem sucedido nessa redução da carga de sacrifício dos impulsos imposta aos sujeitos que fazem parte da cultura e em reconciliá-los com a mesma recompensando-os. Importante perceber como, depois de percorrer o texto por inteiro, voltar ao seu início nos mostra com alguma evidência que esse sempre foi o ponto central do ensaio, mesmo tendo como fio condutor a reflexão sobre as ideias religiosas. Mas de qualquer forma, a resposta dada por Freud tem um elemento fundamental, a noção de que não se pode prescindir da dominação de uma minoria sobre as massas, pelo fato de serem elas indolentes e insensatas, por se fortalecerem mutuamente



² As duas características aqui citadas são que os sujeitos não são espontaneamente inclinados ao trabalho e que argumentos nada podem contra suas paixões.

quando toleram entre si os desregramentos que fazem. Sendo assim, “Apenas através da influência de indivíduos exemplares que as massas reconheçam como seus líderes é que elas podem ser movidas ao trabalho e às renúncias de que depende a continuidade da cultura” (Id, Ibid, p. 41). Ou seja, para que o espírito científico possa reinar na cultura, é preciso, antes de tudo, uma sociedade completamente estratificada, em que se fala abertamente de uma dominação de uma minoria sobre as massas indolentes e insensatas. Bom, parece que o projeto que de início tinha ares de beleza e poesia, se transforma, em sua realidade, em uma espécie de distopia esclarecida.



2021, v. 4, n. 1

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamazov**. 1ª ed. Abril Cultural, 1970.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma ilusão**. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2017 (1927).

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias à psicanálise**. in: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1933)

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na cultura**. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2017 (1930).

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1997.

LAPLANCHE, Jean, PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em 16/02/2024

Aprovado em 15/03/2024



2021, v. 4, n. 1